



CULTURA DO ESTUPRO – UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA DAS DISCURSIVIDADES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL

RAPE CULTURE – A FOUCAULDIAN ANALYSIS OF THE DISCURSIVITIES ABOUT SEXUAL VIOLENCE

Josana Maria Oliveira Pereira¹

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

Gleycia Letícia Rodrigues dos Santos²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

Thays Araújo³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

RESUMO: A presente pesquisa traz elementos para um debate sobre as discursividades em torno do estupro, por meio da análise de discursos constitutivos que descortinam tais práticas. À luz do arcabouço teórico foucaultiano da arqueologia, procedemos a uma análise discursiva que procura compreender a constituição das subjetividades. O corpus analítico são dois enunciados postados em redes sociais, circunscritos à temática do assédio e do estupro, configurando uma profusão de discursos sobre o que conhecemos por Cultura do Estupro. Além de revisitar e atualizar os estudos foucaultianos, encaminhamos uma reflexão que seja sensível a uma efetiva educação para a transformação das relações de gênero.

Palavras-chave: Cultura do Estupro. Discurso. Foucault. Arqueologia. Subjetivação.

ABSTRACT: *This research brings elements to a debate on the discourses around rape, through the analysis of constitutive discourses of sexual harassment practices. In light of the Foucaultian theoretical framework of archeology, we proceed to a discursive analysis that seeks to understand the constitution of subjectivities. The analytical corpus consists of two statements posted on social networks, circumscribed to the theme of harassment and rape, configuring a profusion of discourses on what we know as Rape Culture. In addition to revisiting and updating Foucauldian studies, we propose a reflection that is sensitive to an effective education for the transformation of gender relations.*

Keywords: *Rape Culture; Discourse; Foucault; Archeology; Subjectivation.*

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. Professora do Colégio Militar de Manaus – CMM. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Produção de texto. josnadaph@gmail.com

² Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. Experiência nos níveis: Fundamental, Médio e Superior na área de Letras - Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa. Pesquisadora no campo da Análise do Discurso Francesa, professora formadora nível I no Plano Nacional de formação dos professores da Educação Básica-PARFOR. Atualmente, trabalhando na secretaria de Educação e Desporto do Amazonas -SEDUC-AM (2020-2022). ORCID 0000-0001-5625-4657. gleycialeticia@gmail.com

³ Mestre em Letras em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Militar do Recife - CMR. Atuou como Professora Assistente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Letramento Digital Mediado por Tecnologia da Escola Superior de Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Atuou como professora do Colegiado de Língua e Literatura Portuguesa - CLLP da Universidade Federal do Amazonas profathays@gmail.com

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

1. Introdução

A temática do estupro é uma realidade complexa e sensível que nos permite pensá-la a partir de dois espectros: o cultural e o biológico. Afinal, é o estupro um produto de nossas características humanas e biológicas ou uma construção social? De que forma podemos responder a essa questão? Como ignorar a historicidade do estupro em suas normalizações em diversas sociedades?

Seja nas anedotas, na publicidade ou em peças artísticas, a chamada “cultura do estupro” é continuamente tecida entre nós, colocando-o na ordem do discurso. Chamamos de “Cultura do Estupro” (do inglês *Rape Culture*) comportamentos, sobretudo linguísticos, que relativizam práticas de violência sexual, muitas vezes circunscritas ao plano do simbólico e do imaginário social.

Partindo de amostras de enunciados de duas redes sociais (*Twitter e Facebook*), iniciaremos uma **análise das práticas discursivas** das representações de violência sexual especificamente contra as mulheres. Para isso, ancoramo-nos nas contribuições teóricas de Michel Foucault (2001; 2008; 2014; 2015) no que tange às noções de sua Arqueologia, a qual nos ajuda a estabelecer a constituição dos saberes, uma vez que beneficia as relações entre as discursividades e as instituições.

Nesse percurso, objetivamos descortinar enunciados sobre o estupro em espaços virtuais e identificar a regulação e a produção de determinados tipos de subjetividades. Para essa análise, levaremos em consideração as condições de produção do sentido, os processos de subjetivação e os regimes de verdade.

1. Revisão da literatura

1.1 A Análise do Discurso e Foucault

*Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?*⁴

Entendemos a análise foucaultiana como uma metodologia analítica para a problematização deste *corpus*, o que vai além do escopo jurídico. Assim, a problematização que se busca agora é um deslocamento do olhar sobre algo que sempre existiu – a violência, no caso aqui, o estupro – e que, após uma investigação, provoca análises sobre seu processo de mudança.

No segundo volume de *História da sexualidade – o uso dos prazeres*, Foucault propõe “a historicização de alguns objetos tabu de nosso pensamento” (BERT, 2013, p. 165). Essa noção investigaria os modos de transformação de algo que sempre existiu em um problema, e como isso traz mudanças. Nas palavras de Foucault, “Eu diria que é preciso fazer uma história das problematizações, quer dizer, a história da maneira pela qual as coisas produzem problemas.”⁵

⁴Foucault (2014a, p. 8).

⁵Foucault em entrevista no Collège de France em 1966.

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

Dessa forma, um questionamento inquieta-nos: por que temos vivenciado uma profusão de discursos sobre o estupro nos últimos tempos? O que se constituiu, historicamente, para que hoje essa violência esteja na ordem do discurso?

Na perspectiva foucaultiana, não se buscam interpretações da superfície textual nem mesmo se vai à caça de algum sentido obscuro, escondido e absoluto. Como declara Fischer (2012, p. 198), “[...] para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos.”. A preocupação de Foucault é com relações históricas dos discursos. Sua contribuição para a AD é rica e colaboradora, principalmente por ter escolhido o sujeito como preocupação principal de suas investigações.

Entretanto, não sendo Foucault um linguista, nem sendo seu objetivo teorizar sobre a linguagem, devemos tomar essa *metodologia foucaultiana* como suporte para uma análise de práticas discursivas. Muito embora o conjunto de conceitos em suas obras tenha servido de elementos empregados por muitos analistas de discurso, a sua relação com a AD começa a partir do seu interesse pelas práticas discursivas, cujo conceito não deve ser confundido com a expressão de ideias. Tais concepções são um exercício discursivo de falar, segundo determinadas regras; além de expor as relações que se dão dentro de um determinado discurso.

O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (FOUCAULT, apud Castro, 2016, p. 120).

O discurso é um lugar de luta permanente, e por isso Foucault considera que, mais que um conteúdo representado por um sistema de signos, ele é um conjunto de “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 60). Para ele, as palavras e as coisas se relacionam historicamente, e estão tomadas por relações de poder.

Nessa perspectiva, o dizer constrói as ideias e conceitos de determinado ambiente histórico, e, por consequência, a produção de verdades de diferentes épocas. Daí que fazer uma análise de discurso, nessa perspectiva, é também investigar historicamente o sujeito e os modos de subjetivação. Não é possível falar sobre sujeito foucaultiano sem problematizar a respeito de percursos históricos, sociais. Além disso, é necessário identificar as *formações discursivas* (FD) que estão sempre relacionadas com determinados campos de saber.

A Formação Discursiva – FD – é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 153). No enunciado, há sempre uma posição-sujeito, ou seja, uma função que pode vir a ser exercida por vários sujeitos. Fazer, então, uma análise é descrever enunciados e visar, assim, às condições em que ele foi produzido. O conceito de FD, para Foucault, está diretamente envolvido com a questão do sujeito. É ela que possibilita determinar o que pode ser dito considerando-se o lugar social que o sujeito ocupa.

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

2. Metodologia: a arqueologia e o sujeito foucaultianos

*“A arqueologia é uma modalidade de análise do discurso”.*⁶

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault inaugura uma nova forma de se fazer investigação das questões de pertinência filosófica. Podemos até chamá-la de metodologia de pesquisa, mas foi batizada como arqueologia dos saberes. Essa nova forma de filosofia se fundamentou na análise do discurso e nas práticas discursivas de variados campos do saber. O uso da palavra “arqueologia” por Foucault supõe uma prática investigativa semelhante à do arqueólogo, que escava para encontrar sinais de uma determinada verdade, os fósseis e as suas histórias. De igual modo, fazer uma arqueologia das práticas discursivas é pesquisar o discurso (cristalizado) nas tramas de enunciados, investigando a constituição dos discursos e épocas que eles traduzem. É a escavação dos enunciados, ou melhor, das suas condições de possibilidades, como eles aparecem. O objeto de investigação desse procedimento arqueológico é o saber de uma dada época. É compreender as condições históricas e sociais que tornam possível o aparecimento de acontecimentos discursivos: por que determinado enunciado e não outro em seu lugar?

A arqueologia ajuda-nos a estabelecer a constituição dos saberes, uma vez que esta beneficia as relações entre as discursividades e as instituições.

A analítica arqueológica pode nos ajudar, no limite discursivo, a compreender como ainda no século XXI o tema estupro é um problema generalizado e presente em todo o mundo. A proposta é buscar, nas escavações dos saberes historicamente constituídos, as possibilidades de identificação com discursos e construções sociais que orientam as práticas subjetivas, para compreender de que forma os saberes surgem e como se transformam. Essa violência é tão antiga quanto o é o mundo, o que mudou foi a manifestação em relação a ela – apesar de ainda haver falhas na resposta jurídica. Como observado por Georges Vigarello (1998), a violência sexual é, como as demais violências, produto de um dado contexto, recebendo valores, sentidos e respostas jurídicas diversas ao longo da história, e essas filigranas é que vão historicizar essas representações na sociedade.

Em Foucault, o sujeito não tem uma essência, pois sua subjetividade é constituída *no* e *pelo* discurso. É uma identidade, um composto histórico, produzido por relações de poder, um sujeito-entidade de um determinado discurso.

A ideia da arqueologia é traçar um processo de interpretação das interpretações. Há interpretação em camadas – saberes que foram se sobrepondo. A importância da análise arqueológica é porque ela valoriza todos os enunciados, cotidianos ou institucionais, pois todos os enunciados estão relacionados entre si, como tramas, são interdependentes: “Não há enunciado que não suponha outros” (FOUCAULT, 2008b, p. 112). A arqueologia é uma “história das condições históricas de possibilidade do saber” (CASTRO, 2016, p. 40). A arqueologia deve ser pensada como uma análise de discursos, constituída por um conjunto de enunciados. É fundamental a compreensão sobre o enunciado para entender a analítica arqueológica de Foucault:

Se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os seus traços distintivos? Que limites devemos nele reconhecer? Essa unidade é ou não idêntica à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os gramáticos

⁶ Castro (2016).

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

caracterizaram como frase, ou, ainda, à que os analistas tentam demarcar sob o título de *speech act*? Que lugar ocupa entre todas as unidades já descobertas pela investigação da linguagem, mas cuja teoria, muito frequentemente, está longe de ser acabada, tão difíceis os problemas que colocam, tão penoso, em muitos casos, delimitá-las de forma rigorosa? (2008, p. 90-91, grifos do autor).

Se recortarmos a história em períodos, veremos que em cada um há pressupostos que determinarão o pensamento da realidade de acordo com esses pressupostos. Então a realidade é “pensada” segundo as estruturas vigentes. Com o objetivo de fazer uma arqueologia desses tipos de pensamento é que Foucault irá se interessar por aquilo que ele chama de *saber*. É através dele que os diversos discursos serão possíveis.

3. Discussão – materialidades de análise

SITUAÇÃO DISCURSIVA 1:

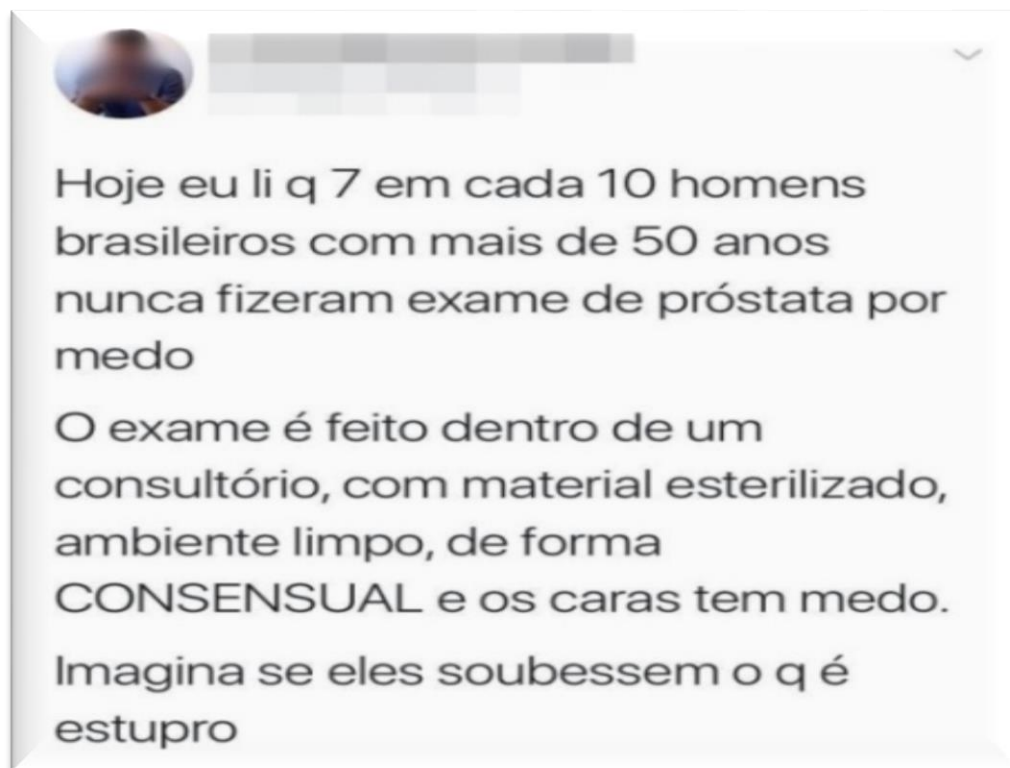


Figura1: Print do Twitter postado no Facebook.

Fonte: <https://twitter.com/luizguiprado/status/978398056197644293>

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

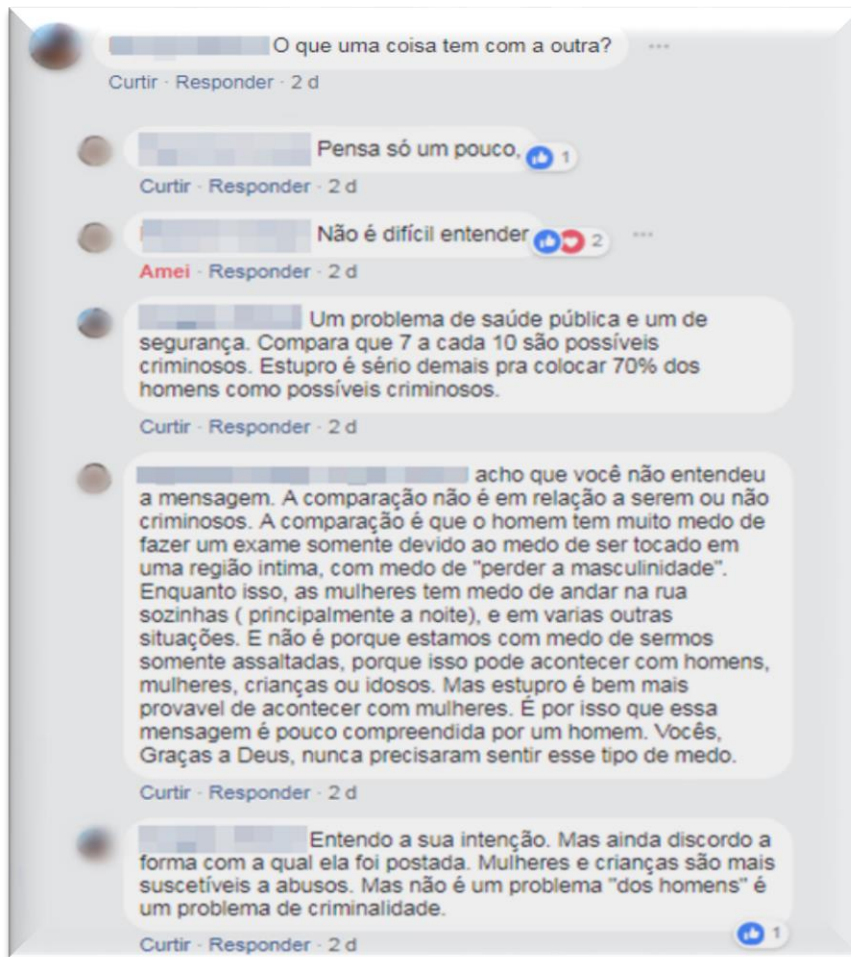


Figura 2: Print do Facebook com a discussão sobre a figura 1

Fonte: <https://www.facebook.com/rayanne.araujo.944.2018>.

As figuras 1 e 2 são mostras de postagens, na rede social *Facebook*, no ano de 2018. Vamos chamar de Interlocutor A e Interlocutor B os agentes sociais da figura 2, estabelecendo uma desafiadora relação discursiva sobre a primeira figura, que é uma mensagem compartilhada do *Twitter*. O objetivo da mensagem, parece-nos óbvio, é comparar o grande percentual de homens com medo (segundo a mensagem do post, infundado) de fazer um exame obrigatório que poderia diagnosticar uma doença letal se feito com bastante antecedência e, então, com maior sucesso de cura. Tal postagem alerta que se trata de um exame clínico, em ambiente higienizado, para fins de saúde pública e que é feito (agora em letras destacadas) consensualmente entre médico e paciente. Na terceira e última parte do post, seu autor provoca o receptor com algo que, aparentemente, não teria nenhuma ligação com os dois parágrafos anteriores: “Imagina se eles soubessem o que é o estupro”. O efeito surpresa, na verdade, incita uma reflexão de como é estar no lugar de uma mulher, a maior vítima de estupro. Por si só, o post já faz um levante histórico e social de nossa época que nos levaria a considerar justamente que tipo de ética (ou falta) estamos constituindo.

Em seguida, segue-se à postagem uma conversa tanto polêmica quanto didática sobre o post do *Twitter*. O Interlocutor A questiona a relação entre “uma coisa e outra”, o que demonstra fazer uma leitura rasa, de conteúdo explícito apenas. O Interlocutor B provoca uma

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

reflexão mais apurada do Interlocutor A, mas ainda não consegue o efeito esperado. Até que numa resposta mais longa e mais didática, o paciente Interlocutor B esmiúça o não-dito para o Interlocutor A, que declara: “Mulheres e crianças são mais suscetíveis a abusos. Mas não é um problema “dos homens” (*sic*) é um problema de criminalidade.”. Não é difícil fazer um percurso sobre a constitutividade desse sujeito e o modo como ele se percebe socialmente. Ora, a análise do discurso foucaultiana se concentra sempre na sua realidade enunciativa, nos fatos das práticas, não no abstrato. O que está sendo posto nesse enunciado como verdade, como norma? Qual é sua constituição? Esse discurso delineia um sujeito cujo perfil machista (inconsciente talvez) não lhe permite se relacionar com a acontecimentalização do estupro e fecha-se numa declaração final impermeável a outro discurso, assumindo uma verdade que construiu para si mesmo como absoluta: o estupro não é culpa dos *homens*, é culpa de *criminosos*, é um caso de *criminalidade* – uma ação sem agentes. O efeito de sentido lançado sobre criminalidade é tal qual um fenômeno natural, físico, nem sujeito nem objeto. É notório que, ao se apropriar de um discurso aparentemente resultante de uma má interpretação de texto, demonstra-se uma complexidade invisível em primeira instância, de uma trama de relações intrassociais que consentiram, deram poderes para surgimentos de outros discursos entrando em harmonia com os já existentes. Isso, por sua vez, constituirá novos contextos e novos jogos de verdade. Ora, se é pelo tecido social que os discursos se espalham, se *materializam*, tal declaração não está excluída das conversas ingênuas do cotidiano, como nas representatividades virtuais do indivíduo enquanto sujeito navegador.

Foucault diria que é pela palavra que se identifica o louco. Parafraseando-o, podemos dizer que é também pela palavra que identificamos o misógino, muitas vezes sob discurso de uma análise rasa de conteúdo. Se tentarmos compreender o ambiente de sociabilização virtual como complemento do social (real), teremos mais facilidade de vê-lo como práticas de produção de verdade sobre a relativização do perigo e importância que envolvem temas como o estupro. O mais importante a se observar nesse fragmento escolhido como modelo de análise foucaultiana é que certas práticas afetam diretamente a subjetividade, o eu do indivíduo incidindo sobre sua alma e suas relações. Não se trata de falar em discursos como imposição, mas sim de lutas de significações, dadas as condições de produção.

Esses enunciados que compõem o diálogo em questão expõem os modos de ser de ambos os interlocutores e nos fornecem, ainda sob uma perspectiva discursiva, o *modus operandi* de determinadas subjetividades e suas constitutividades. O discurso de recusa sobre uma postagem que procura aproximar o horror de se sentir vulnerável ao estupro com o horror de fazer um exame que “constrange a virilidade” da maior parte dos homens restringe a importância das campanhas e atinge negativamente o que realmente importa: a empatia. A noção de subjetividade aqui remete ao que Foucault entende como modos de subjetivação, como o sujeito experimenta em si mesmo um jogo de verdade expondo-se consigo mesmo: como o interlocutor A, por exemplo, é subjetivado pelos seus enunciados?

Interessava a Foucault saber quais eram os efeitos de subjetivação a partir dos discursos. Nunca nos esquecendo que, para ele, as relações de poder estão em estreitas relações com a ideia da subjetividade. É claro que o interesse dessa análise selecionada decorre de um interesse imediato: o de descobrir como os enunciados postos (sobretudo o do interlocutor A), relacionados à condenação moral do estupro regulam, gerenciam e mesmo produzem outras formas de subjetividade na sociedade.

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

SITUAÇÃO DISCURSIVA 2:



Figura 1: postagem pública em rede social

Fonte: <https://twitter.com/JOAQUINVOLTOU>, 2018.

Segundo Pêcheux (1998), o discurso não tem começo: o sentido das palavras num determinado enunciado sempre irá remeter a momentos anteriores. O discurso supõe um lugar, uma posição a partir da qual as palavras adquirem sentidos. Qualquer que seja essa posição estará fadada a implicar uma memória discursiva. Assim, verbo e imagem são os elementos que compõem o enunciado acima. A palavra *assédio*, na figura 2, excepcionalmente, foi tomada com sentido positivo, do ponto de vista de um sujeito virtual masculino. Mas não como produtividade, e sim como crítica ao modelo feminino que foge às estéticas padronizadas atuais. A punição àquela que não condiz com o que é imposto como “de que forma a fêmea deve ser” se materializa primeiramente no discurso – mais uma vez provando-se prática de subjetivação. Por essa razão, urge desqualificá-la. Claro que para isso funcionar precisamos nos situar nesse espaço histórico onde a beleza, sobretudo feminina, deve corresponder preferencialmente ao ideal caucasiano. Nessa circunstância, a palavra “assédio” aí se reveste de uma identidade semântica positiva, correta e, de certa maneira, disciplinadora, pois implica que o assédio é um mérito que nem todas as mulheres devem ter, a menos que estejam disciplinadas dentro de uma estética visual outorgada como ideal. A imagem sensualizada da modelo, a que, dessa forma, não reclamaria de assédio, corresponde aos anseios mercadológicos do sexo e, por conseguinte, defenderia que ser assediada é um bônus que satisfaz e empodera.

O corpo da mulher transita entre dois discursos distintos: o da autoexpressão sexual e o da opressão mercantilista da plasticidade do corpo feminino. Para defender o direito ao assédio, o enunciador caricaturiza, transforma o corpo de uma das mulheres em anedota, em riso, opondo-o ao corpo de uma modelo que estaria atendendo aos padrões de beleza, para dessa forma legitimar o assédio como mérito e não ofensa. O enunciado reforça o discurso de que a violência que uma mulher venha a sofrer quanto à sua sexualidade está essencialmente ligada a instintos, não a controle e poder. Ora, o poder é uma questão de voz, de discurso, de

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

quem fala e de quem escuta. O poder também se cria por meio do ato de falar sobre o outro. A categoria do “outro” é criada em um discurso. Assim, cria-se a mulher ideal e, ao mesmo tempo, se demoniza a mulher fora do “ideal”.

(Sobre)Vivemos numa sociedade de consumo de imagens de mulheres padrão: lindas, felizes, disciplinadas, cujos corpos são cartazes, fornecendo a essa sociedade de controle um “lugar”, e, dessa forma, o sujeito feminino é levado a desejar corresponder ao desejo de uma cultura. Confundem-se os lugares do corpo feminino, e, uma vez que esse corpo se apresenta como cartaz, ele é ao mesmo tempo observado e responsável pelo olhar (assédio) do outro. A ordem do discurso incide na consciência estética do corpo pelo poder, e, dessa forma, garante um lugar na admiração do olhar do outro.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2014c) supõe que é dessa forma que a arte do corpo humano surge, construindo uma perfeição do corpo físico para, assim, torná-lo útil e dócil. É bom considerar ainda que a busca pela perfeição do corpo não é um privilégio amargo do século XXI, pois em toda a história encontramos comportamentos de culto ao corpo. O que muda são os padrões, ou processos disciplinadores, mas não o exercício do poder sobre a corporeidade.

A concepção de beleza no mundo é transitória, mas exigente, e traz consigo uma ética questionável que encoraja uma constante inadequação e satisfação. Essa opressão das exigências disciplinares – que conduziriam a vida positivamente – estigmatiza os indivíduos que não se submetem a elas. Daí, criam-se discursos marginalizadores através da engenharia da normalização, na qual estar em acordo com as práticas discursivas controladoras lhe dão o sentimento de pertencimento: ser belo, sexualmente potente, economicamente sucedido, entre outras. Mais uma vez, o que está em questão nesses discursos é a certeza de que existe um poder exercendo-se sobre a vida, regulando-a e controlando-a por meio de tais práticas. Não se submeter a elas é estar fora, marginalizado, patologizado, mas também é estar na resistência.

A comparação entre as fotos de duas mulheres tem o intuito de marginalizar uma (a que supostamente repudia o assédio sexual) e valorizar a outra (uma modelo cuja imagem estrategicamente cria um imaginário sexual perfeito na mente masculina). Mas não se trata de um jogo de bonito ou feio, e sim de uma estratégia de desconstruir um discurso de resistência à opressão contra a mulher. O enunciado, irônico e evidentemente apenas retórico, defende a mesma ideia já enunciada por tantos outros sujeitos, ainda que em outras palavras: mulher gosta de ser assediada. Esse tipo de discurso funciona como uma mecânica que tenta minar movimentos de resistência, como o NÃO É NÃO.

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez até ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas controle estimulação: “fique nu [...] mas seja magro, bonito, bronzeado!”¹(FOUCAULT, 2015, p. 236).

Para efeito de verdade, o discurso do assédio procura se sustentar na ideia de que o corpo não está fora da ordem e da regulação da sociedade. Assim, “mulher e beleza são historicamente associadas [...], e a feiura, hoje intimamente ligada à gordura e ao envelhecimento, é a maior forma de exclusão socialmente validada. (...)”, segundo a escritora

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

Joana Novaes⁷. Continua a autora a pontuar uma questão bastante relacionada com a análise desse enunciado em questão: a negação da sexualidade da mulher que não se coloca na ordem do discurso estético, daí, então, ser acusada de combater a importunação do assédio porque não tem sexualidade. O menosprezo, o escárnio do interlocutor acerca da aparência de uma das mulheres é uma agressão que busca eliminar a sexualidade dela. Este olhar sexista dessexualiza e lança a mulher na categoria de aberração (NOVAES, 2011), anulando-a e interditando-a. É um apelo para reduzir a subjetividade a uma imagem, numa época em que cada vez mais os modos de subjetivação acontecem por meio de enunciados que representam a corporeidade construída.

4. Considerações finais

A AD fundamentada na ideia foucaultiana propõe-se a investigar como determinadas subjetividades são forjadas pelos discursos. Nessa seara, a partir das materialidades discursivas aqui investigadas, entendemos que a Cultura do Estupro se manifesta em discursividades que, inicialmente, podem até parecer inofensivas, mas são bem agasalhadas em formações discursivas misóginas, transitando diariamente entre nós. Desse modo, o discurso é a forma na qual as relações de poder se estabelecem a partir da língua para se atingir uma determinada finalidade, seja pelo convencimento, seja pela persuasão daquele que detém o poder discursivo.

Essas práticas discursivas intimidam, porque levam a construir um pensamento no qual o estupro é resultante do comportamento feminino, e não uma prática de um construto social. Elas se referem a uma relação de poder (FOUCAULT, 2016), pois a violência de gênero é sempre uma questão de poder.

Ainda que alguns estudos nas áreas da Biologia defendam o estupro como manifestação de um instinto natural, profundamente incrustrado na biotipologia masculina, desde os mais distantes antepassados, e a violência sexual como uma continuidade desses antepassados, não podemos ignorar que o sujeito que estupra é parte de uma construção social, que molda comportamentos, sobretudo do homem a partir das relações experimentadas em sua vida.

Não há como ignorar que somos produtos de todo um contexto constitutivo do sujeito. Reproduzimos as experiências pelas quais somos constituídos. Logo, uma condição não anula a outra: se há um instinto biológico por trás do estupro, é bem verdade que também há uma aprendizagem cultural capaz de dar forma a essa prática e, por extensão, a uma cultura de naturalização da violência através da reprodução de discursos violentos. É preciso desmitificar a essência biológica e trazer para discussões as masculinidades construídas histórica e socialmente.

Essa visibilidade da violência de gênero contra a mulher poderá render, além de dispositivos jurídicos mais eficazes, uma educação voltada a problematizar e transformar as relações de gênero.

Referências

BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, 2013.

⁷ NOVAES, Joana, V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M; AMANTINO, M. (Orgs.) **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 477-506.

PEREIRA, Josana. SANTOS, Gleycia. ARAÚJO, Thays. **Cultura do estupro – uma análise foucaultiana das discursividades sobre a violência sexual.**

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

FACEBOOK. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/rayanne.araujo.944>, 2018. Acessado em 12 jan. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo; Edições Loyola, 2014a.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015a.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014b.

_____. **Microfísica do poder.** MACHADO, Roberto (Org.). 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

_____. **Os anormais.** Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014c.

NOVAES, Joana, V. **Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social.** In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.) *História do corpo no Brasil.* São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 477-506.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Tradução ORLANDI, Eni *et al*, Ed. Unicamp, São Paulo, 1988.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

TWITTER, _____, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/luizguiprado/status/978398056197644293> Acessado em 10 jan. 2018.

TWITTER, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/JOAQUINVOLTOU> Acessado em 12 jan. 2018.

TWITTER, 2015. Disponível em: <https://twitter.com/wrosiel/status/657892060184367104> Acessado em 13 jan. 2018.

VIGARELLO, Georges. **História do Estupro - Violência Sexual nos séculos. XVI-XX.** Tradução de Lucy Magalhães. 1 ed. Editora Jorge Zahar Editor, 1998.

Recebido em 23/05/2022

Aprovado em 30/06/2022